



III CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
**MARX EM MAIO 2018**

No bicentenário  
do nascimento de Karl Marx

Colectânea de textos



---

Grupo de Estudos Marxistas

## A Presença do Futuro: Marxismo e Cristianismo, Luta de Classes e Fraternidade Humana no Pensamento do Dominicano Herbert McCabe

*Sérgio Dias Branco*

Universidade de Coimbra, Universidade de Durham, Instituto de Filosofia da Nova

Em tudo estamos aflitos, mas não esmagados; perplexos mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; deitados abaixo mas não aniquilados; transportando sempre a morte de Jesus no corpo, para que a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo.

*2Cor 4,8-10, trad. Frederico Lourenço*

“A Luta de Classes e o Amor Cristão” é o título de um ensaio publicado em 1980, muito influente na tradição do cristianismo radical, inseparável da crítica política.<sup>1</sup> Escrito pelo frade dominicano Herbert McCabe, trata-se de um texto que se inscreve não apenas no campo da teologia política, mas também no âmbito da história das ideias. Tal como outros pensadores, este socialista e revolucionário convicto descrito como “católico marxista”<sup>2</sup> procurava dialogar com o marxismo a partir do cristianismo. O seu foco é a luta de classes, aspecto central da teoria marxista. McCabe argumenta que o imperativo bíblico de fazer justiça, praticar o amor ao próximo e, assim, dar testemunho dos valores do Reino, obriga os cristãos a juntarem-se aos marxistas na oposição ao capitalismo e na luta pela sua superação. Se o capitalismo tem como base o antagonismo humano, ele lembra que o

<sup>1</sup> Ver Andrew Bradstock e Christopher Rowland, eds., *Radical Christian Writings: A Reader*, Oxford: Blackwell, 2002. Este volume inclui uma versão parcial do ensaio (pp. 273-76).

<sup>2</sup> Adrian Cunningham, “Obituary: Herbert McCabe” *The Guardian*, 16 Jul. 2001, par. 11 (trad. minha), <https://www.theguardian.com/news/2001/jul/16/guardianobituaries.socialsciences> [consulta em: 29 de Junho 2018].

cristianismo anuncia a possibilidade da fraternidade humana. O pensamento desenvolvido por McCabe neste e noutros textos filosóficos e teológicos é ainda hoje muito perspicaz, em virtude da sua forma metódica e rigorosa. Procurarei cruzá-lo com reflexões de outros pensadores. Muitos destes contributos para um diálogo produtivo e convergente entre o marxismo e o cristianismo permanecem desconhecidos em Portugal. Portanto, cabem nos meus propósitos divulgar, estudar, e continuar esse trabalho intelectual que contou com a participação decisiva de McCabe.

Herbert John Ignatius McCabe destacou-se como um dos nomes da revista *Slant*, publicação católica de esquerda associada à Universidade de Cambridge e à Ordem Dominicana que reuniu cristãos e marxistas nas décadas de 1960 e 1970. Outro nome ligado a esse projecto, outro frade dominicano, foi Laurence Bright, cujo contributo pormenorizarei na conclusão deste trabalho. Ambos também participaram nas sessões de discussão socialistas do Grupo de Dezembro (*December Group*), tal como Terry Eagleton e Neil Middleton, entre outros. Para Eagleton, a “*Slant* precedeu dois desenvolvimentos vitais na política religiosa que floresceriam logo após o seu desaparecimento. A primeira foi a batalha pelos direitos civis dos republicanos católicos da Irlanda do Norte; o segundo foi a teologia da libertação e a luta na América Latina”<sup>3</sup>

### 1. Definir a Luta de Classes, Expor o Capitalismo

O padre salesiano Giulio Girardi liga a luta de classes à consciência cristã. “A luta de classes é ao mesmo tempo um facto e um método”<sup>4</sup> para as

<sup>3</sup> Terry Eagleton, “Terry Eagleton on Religion and the Left” *The Global Center for Advanced Studies*, 11 Set. 2017, par. 5 (trad. minha), <https://thegcas.org/blog/2017/9/11/terry-eagleton-on-religion-and-the-left> [consulta em: 29 de Junho 2018].

<sup>4</sup> Giulio Girardi, SDB, *Amor cristiano y lucha de clases*, p. 5 (trad. minha), <http://lasagradafamilia.org.ar/Biblioteca/GIRARDI-AmorCristiano.pdf> [consulta em: 29 de Junho 2018]. O seu compromisso político e ideológico fez com que fosse dispensado de várias universidades católicas europeias. Foi expulso dos Salesianos de Dom Bosco (*Salesiani Domini Bosci*) e suspenso do exercício sacerdotal em 1977.

classes oprimidas, escreve ele. Isto é, é o resultado de uma sociedade dividida em classes sociais com interesses antagónicos e é, em simultâneo, uma exigência num processo de libertação da opressão. A sociedade nova, a terra sem amos, só pode ser fundada no princípio da liberdade. Eis um ponto importante nesta batalha política. A liberdade que tanto ocupou o pensamento de Karl Marx foi apropriada como bandeira pelo pensamento liberal para proclamar a prevalência da liberdade individual de poucos sobre a sujeição de muitos. Podemos questionar se essa bandeira foi reclamada com vigor pelos marxistas, reconhecendo a liberdade pessoal e a solidariedade social como indestrinçáveis. Por isso, Girardi entende que “[a] experiência da liberdade é [...] acompanhada dum potencial de universalidade que ela projecta imediatamente para o mundo. Não posso escolher a minha liberdade sem escolher a libertação do mundo.”<sup>5</sup>

O conceito de classe tal como foi elaborado por Marx tem sofrido uma distorção ideológica evidente, muito difundida nas décadas recentes. Usado pontualmente como uma simples categorização a partir do nível de rendimento, tem-se tornado numa maneira de fugir à discussão das relações de produção, ou seja, do capitalismo. A utilização pontual do conceito tem permitido assim alterar o significado sem apagar a palavra “classe” McCabe coloca as coisas de forma cristalina: “Não são as diferenças de riqueza que causam as diferenças de classe, mas as diferenças de classe que criam as diferenças de riqueza.”<sup>6</sup> E depois explica, como um marxista, que uma parte substancial da riqueza produzida pelo trabalhador (a mais-valia) não lhe é paga, sendo apropriada e acumulada pelo capitalista para maximizar os seus lucros. Na emergência daquilo a que Marx chamou de “sociedade civil” estrutura na qual se realizam as relações económicas e políticas, o dominicano lembra que “teoricamente para todos os efeitos todas as pessoas são livres, apenas estão vinculadas ao contrato que firmam”<sup>7</sup> Tal seria verdade se os interesses dos trabalhadores e dos capitalistas não colidissem e gerassem

<sup>5</sup> Giulio Girardi [como Júlio Girardi], SDB, *Cristianismo, Libertação Humana e Luta de Classes*, trad. Fernando Reis, Loures: Edições Paulistas, 1978, p. 89. Publicado originalmente em 1971.

<sup>6</sup> Herbert McCabe, OP, “The Class Struggle and Christian Love” in *God Matters*, Springfield, IL: Templegate Publishers, 1987, p. 186 (trad. minha).

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 189 (trad. minha).

ganhos mútuos e equiparáveis. Ou se não existisse uma hegemonia social que mantém a opressão económica dos segundos sobre os primeiros, amputando a democracia. Como argumenta McCabe, “o capitalismo não é um sistema, é um processo. É um processo de luta, de competição [...] fundamentalmente entre o capitalista e a fonte principal de todo o valor económico, os trabalhadores”<sup>8</sup> A descrição do funcionamento do capitalismo continua, identificando possibilidades de transformação. Através da produção industrial em massa, o capitalismo criou as condições para a emergência de uma classe trabalhadora organizada. Criou também liberdades democráticas, meios de comunicação relativamente livres, o princípio de igualdade perante a lei que uma classe trabalhadora organizada pode utilizar para aumentar o seu poder político. No entanto, quando este poder se torna demasiado ameaçador, a democracia burguesa regride para a política do estilo feudal a que chamamos fascismo. “O fascismo é, grosso modo, a combinação da economia capitalista com a política feudal”<sup>9</sup> conclui McCabe.

Em síntese, o conflito entre classes é *intrínseco* ao capitalismo, faz parte da sua dinâmica como processo. Para Marx, a existência de uma classe oprimida numa sociedade baseada no antagonismo entre classes é inevitável. Visto pelo lado dos capitalistas, o conflito circunscreve-se ao processo e reforça-o. Visto pelo lado dos trabalhadores, o conflito é destrutivo para o processo. McCabe menciona o que Marx escreveu em *Miséria da Filosofia*, concordando com a conclusão do filósofo alemão: “a libertação da classe oprimida implica portanto necessariamente a criação de uma sociedade nova” e a condição de libertação dessa classe “é a abolição de qualquer classe”<sup>10</sup> As três ideias fundamentais sobre a luta de classes segundo o dominicano podem ser resumidas assim:

(1) a luta de classes não é o produto da inveja dos ricos pelos pobres, porque não se trata de estabelecer uma igualdade ideal entre os rendimentos das pessoas, mas de reclamar para os trabalhadores aquilo que é produzido por eles;

<sup>8</sup> *Ibid.* (trad. minha).

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 190 (trad. minha).

<sup>10</sup> Karl Marx, *Miséria da Filosofia*, trad. Zeferino Coelho, José Barata-Moura, e Fernando Silvestre, Lisboa: Edições “Avante!” 1991, p. 153.

(2) a luta de classes não é algo que estejamos na posição de *começar*, mas uma condição do processo chamado capitalismo no qual nos encontramos;

(3) a luta de classes não é algo que estejamos na posição de *ignorar* ou *rejeitar* — estamos de um lado ou estamos de outro —, porque nela participamos quer queiramos quer não e o que parece neutralidade é simplesmente o conluio com a classe dominante.<sup>11</sup>

## 2. Participar na Luta de Classes, Seguir o Evangelho

Para McCabe, a luta de classes não é apenas compatível com o Evangelho: é exigida por ele. A raiz desta posição provém da questão da fraternidade humana tal como é colocada por João, o autor do Evangelho não sinóptico e de três cartas do Novo Testamento. O discurso sobre o amor nesses textos é quase sempre acompanhado da palavra “irmão” o que para o dominicano quer dizer que quem os escreveu está a falar da “solidariedade entre os camaradas do movimento cristão”<sup>12</sup> Nas igrejas cristãs, e em particular na Igreja Católica, é certo que nem sempre o evangelho e os interesses da igreja como instituição foram sinónimos, como McCabe não deixa de apontar. Ao longo dessa história complexa e contraditória, houve um grupo substancial de cristãos que foi desafiando tudo o que nega e impede a irmandade entre os seres humanos, a ponto de, por exemplo, o papel revolucionário da Igreja na América Latina ter sido respeitosamente reconhecido por Fidel Castro.<sup>13</sup> Alguns destes cristãos integram movimentos marxistas e este facto está relacionado com um aspecto referido pelo teólogo britânico Denys Turner, figura incontornável da aproximação do marxismo ao cristianismo:

[A]lguns marxistas estão dispostos a admitir que alguns cristãos, pessoalmente, se tornaram marxistas precisamente por causa das suas crenças cristãs — não, isto é, apesar delas,

<sup>11</sup> Ver McCabe, “Class Struggle” p. 192.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 186 (trad. minha).

<sup>13</sup> Frei Betto, OP e Fidel Castro, *Fidel e a Religião: Conversas com Frei Betto*, Lisboa: Caminho, 1986, p. 192.

mas por causa delas. Assim, por exemplo, Camilo Torres, Paulo Freire, os católicos da *Slant* na década de 1960 em Inglaterra e muitos outros. Há uma minoria de cristãos que vieram a acreditar que a fidelidade às suas crenças cristãs implica e não apenas permite que aceitem uma posição socialista revolucionária. E algumas destas pessoas fazem muito bons marxistas, de facto.<sup>14</sup>

A adopção de uma posição socialista revolucionária deriva tanto das crenças cristãs como da conjuntura social. Timothy J. Gorringe inspira-se em McCabe e considera que o capitalismo choca com o cristianismo por causa da sua base antagonica,

entre empregadores e empregados, entre capitalistas e, portanto, entre nações, um antagonismo que é a função da retórica pluralista disfarçar. O colapso do consenso ético na sociedade ocidental contemporânea é, em grande parte, devido à influência deste antagonismo oculto<sup>15</sup> Nesse sentido, o cristianismo é profundamente subversivo porque anuncia “a possibilidade improvável de que os homens possam viver juntos sem guerra; nem em dominação nem em antagonismo, mas numa unidade no amor.”<sup>16</sup>

Não é surpreendente que quem faz a guerra entre classes, no interior de um país e entre países, negue a importância da luta de classes e negue até a sua existência. “Para os propagandistas do capital, a guerra de classes é algo inventado e instigado por revolucionários e socialistas; de facto é apenas descoberto por eles”<sup>17</sup> explica McCabe. Os cristãos não podem senão agir face a este estado de coisas, porque o cristianismo não é uma teoria ideal, mas uma *praxis*.<sup>18</sup> Há católicos, incluindo aqueles que se guiam por ensinamentos anteriores ao Concílio Vaticano II, que defendem que a solução é regressar a

<sup>14</sup> Denys Turner, *Marxism and Christianity*, Totowa, NJ: Barnes and Noble Books, 1983, p. 176 (trad. minha).

<sup>15</sup> Timothy J. Gorringe, *Capital and the Kingdom: Theological Ethics and Economic Order*, Maryknoll, NY: Orbis Books, 1994, p. 99 (trad. minha).

<sup>16</sup> McCabe, “Class Struggle” p. 193 (trad. minha).

<sup>17</sup> *Ibid.* (trad. minha).

<sup>18</sup> Ver *ibid.*

um tempo anterior ao antagonismo e ao capitalismo. Por um lado, nunca torna claro como, neste período histórico em que vivemos, tal poderia acontecer, precisamente porque a solução que propõem é a-histórica e idealista. Por outro lado, ao propor esta solução desviam a atenção da realidade presente da guerra de classes e objectivamente ajudam quem quer que essa guerra se perpetue — a burguesia, a classe dominante no capitalismo, precisamente. Daí que o dominicano insista: “A única forma de acabar com a guerra de classes é ganhá-la.”<sup>19</sup>

### 3. *Fraternidade Humana e Violência*

A fraternidade humana é o horizonte do cristão e do marxista. Girardi observa que “[o] projeto da fraternidade universal é clamorosamente negado e ridicularizado por um estado de injustiça, ignorância, rivalidade e ódio entre os homens, existindo enormes massas que não possuem o mínimo vital”<sup>20</sup> Por seu turno, o dominicano peruano Gustavo Gutierrez, um dos fundadores da teologia da libertação, clarifica que

[a] universalidade do amor cristão é uma abstracção se não se fizer história concreta, processo, conflito, superação da particularidade. Amar a todos homens não quer dizer evitar enfrentamentos, não é manter uma harmonia fictícia. Amor universal é aquele que em solidariedade com os oprimidos busca libertar também os opressores do seu próprio poder, da sua ambição e do seu egoísmo.<sup>21</sup>

Para isso, é necessária uma transformação estrutural que vá à raiz da divisão classista na sociedade para a cortar. Mas este corte insere-se num processo dinâmico. Encontramos nos cristãos uma vivência da presença do futuro, aquilo a que dão o nome de *graça*, como McCabe indica.<sup>22</sup> No entanto, tal vivência é comum nos marxistas, mas tem o nome de *dialéctica*.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 195 (trad. minha).

<sup>20</sup> Girardi, *Amor cristiano*, p. 12 (trad. minha).

<sup>21</sup> Gustavo Gutierrez, OP, *Teologia de la liberacion: perspectivas*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1972, p. 357 (trad. minha).

<sup>22</sup> McCabe, “Class Struggle” p. 197.

A fraternidade humana, uma sociedade sem exploração humana, sem classes antagónicas, pertence ao futuro, mas “o futuro em si não está apenas no futuro”<sup>23</sup> a acção revolucionária e a camaradagem que a sustenta já carrega o futuro consigo, já o torna presente. Frei Betto refere-se ao final do livro terceiro de *O Capital*<sup>24</sup> e escreve que “Marx chama esta plenitude de reino de liberdade e, os cristãos, de Reino de Deus”<sup>25</sup>

No meio de tantas convergências e objectivos comuns, a questão da violência pode parecer divisiva.<sup>26</sup> Em relação a esse problema, importa apontar desde logo duas falsidades: a de que o marxismo advoga a violência em todas as circunstâncias e a de que o cristianismo advoga a não-violência em todas as circunstâncias. Sim, o marxismo não exclui a violência como arma, mas é entendida como resposta à agressão sistémica, como defesa não como vingança, o que logo à partida lhe impõe limites no propósito e no uso. Sim, o cristianismo tem como princípio a não-violência e a busca da convivência pacífica e da reconciliação, mas o filósofo Andrew Collier relembra que também advoga aquilo que ele descreve como *responsabilidade negativa* tal como é articulada no *Evangelho de Marcos* 3,4: quando, ao renegar a violência, o cristão é responsável por uma morte que podia ter impedido.

Além disso, uma abordagem histórica-crítica permite que se leia de modo mais consistente o dar da outra face (*Mt* 5,40) como acto de resistência e exposição da opressão, assim como o amor aos inimigos (*Mt* 5,44) como a rejeição da desumanização de qualquer pessoa, mesmo de quem nos oprime. Ambos os ditames assumem a perspectiva de quem é batido, de quem é perseguido, descrevendo uma resposta que não desiste, que insiste, deixando bem claro que existem inimigos e que não são nossos amigos. Se estes versos foram lidos como apelando ao conformismo face ao que é intolerável

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 198 (trad. minha).

<sup>24</sup> Marx, *O Capital*, livro 3, tomo VII, trad. José Barata-Moura, Lisboa: Edições “Avante!” 2016.

<sup>25</sup> Frei Betto, OP, “Cristianismo e socialismo” *Socialismo e Democracia*, 2 (1984), p. 34.

<sup>26</sup> Sobre este tema, ver Giulio Girardi [como Júlio Girardi], SDB, *Amor Cristão e Violência Revolucionária*, trad. Anselmo Borges, Porto: Livraria Telos Editora, 1973.

e à camaradagem onde ela não é possível, foi porque essa leitura se ajustou aos propósitos do escravagismo, do colonialismo, do capitalismo, do imperialismo, mas também do racismo, da xenofobia, da homofobia, e da transfobia, como não se cansam de dizer os teólogos da libertação. Não são os representantes dessas formas de opressão que devem ditar os termos da leitura destes textos construídos do ponto de vista dos oprimidos.<sup>27</sup>

### *Conclusão: Ser Cristão e Ser Marxista*

Bright, o irmão dominicano que evoquei no início, tinha afinidades políticas com McCabe e escreveu outro texto penetrante sobre cristianismo e marxismo. Chama-se simplesmente “Cristão e Marxista”<sup>28</sup> Argumenta que a dimensão revolucionária do cristianismo, que procura superar divisões injustas entre seres humanos, precisa de ser concretizada de uma forma específica num tempo e num lugar. Bright faz uma pergunta pertinente: será que, então, o cristianismo conduz ao marxismo através de “um processo de raciocínio” fornecendo “uma espécie de justificação para ele”?<sup>29</sup> A discussão que esta questão abre distingue-se da constatação de Turner citada atrás a de que há cristãos que se tornaram marxistas precisamente por serem cristãos. Aqui trata-se de discutir o modo como isso acontece. Se a pergunta é articulada desta forma, e sem dúvida ela tem assaltado muitos cristãos assim, Bright responde que um marxista não pode fazer mais do que classificar tal sugestão como idealista. Porquê? Porque limita o percurso do cristão que se torna marxista ao foro teórico. Para os marxistas, prática e pensamento tem um vínculo indissolúvel, real, alimentando-se de forma dialéctica. Ninguém se torna marxista, revolucionário, partidário do socialismo e do comunismo, a pensar, a resolver problemas na cabeça, em abstracto e sem contexto, mas ao lidar com as contradições de uma situação

<sup>27</sup> Ver, e.g., James H. Cone, *A Black Theology of Liberation*, ed. 40.º aniversário, Maryknoll, NY: Orbis Books, 2010, cap. 4.

<sup>28</sup> Laurence Bright, OP, “Christian and Marxist” in *What Kind of Revolution? A Christian-Communist Dialogue*, ed. James Klugmann e Paul Oestreicher, Londres: Panther Books, 1968, pp. 116-29.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 124 (trad. minha).

histórica específica, examinando-as e participando em lutas concretas. Por essa razão, Bright afirma o seguinte sobre a *transformação do mundo* que Marx entende como a tarefa prioritária, contrapondo-a à simples interpretação do mundo:

Um cristão tem de reconhecer, em primeiro lugar, que em si mesmo o cristianismo não é suficiente: ela só pode ser concretizada de maneira prática através da análise detalhada e da estratégia. Mas a análise detalhada e a estratégia que o marxismo fornece devem então ser julgadas, ainda que criticamente, nos seus próprios termos [...].<sup>30</sup>

Um cristão que aceite as descrições e as concepções do marxismo deve julgá-las como marxista, não como cristão. Não precisa de ser um tipo especial de cristão um cristão marxista mas Bright defende que também não precisa de ser um marxista cristão. Basta que seja cristão e seja marxista, sem ser preciso inventar um cristianismo marxista ou um marxismo cristão. No fundo, é suficiente que seja fiel a cada um, colocando-os numa relação dialéctica na acção concreta. Penso que McCabe concordaria com esta afirmação.

#### Referências Bibliográficas:

- BETTO, Frei, OP (1984), "Cristianismo e socialismo" *Socialismo e Democracia*, 2, pp. 20-34.
- BETTO, Frei, OP e Fidel CASTRO (1986), *Fidel e a Religião: Conversas com Frei Betto*, Lisboa: Caminho.
- BRADSTOCK, Andrew e Christopher ROWLAND (eds.) (2002), *Radical Christian Writings: A Reader*, Oxford: Blackwell.
- BRIGHT, Laurence, OP (1968), "Christian and Marxist" in *What Kind of Revolution?: A Christian-Communist Dialogue*, ed. James Klugmann e Paul Oestreicher, Londres: Panther Books, pp. 116-129.
- CONE, James H. (2010), *A Black Theology of Liberation*, ed. 40.º aniversário, Maryknoll, NY: Orbis Books.
- CUNNINGHAM, Adrian (2001), "Obituary: Herbert McCabe" *The Guardian*, 16 Jul.,

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 125 (trad. minha).

<https://www.theguardian.com/news/2001/jul/16/guardianobituaries.socialsciences> [consulta em: 29 de Junho 2018].

- EAGLETON, Terry (2017), "Terry Eagleton on Religion and the Left" *The Global Center for Advanced Studies*, 11 Set., <https://thegcas.org/blog/2017/9/11/terry-eagleton-on-religion-and-the-left> [consulta em: 29 de Junho 2018].
- GIRARDI, Giulio, SDB (1971), *Amor cristiano y lucha de clases*, <http://lasagradafamilia.org.ar/Biblioteca/GIRARDI-AmorCristiano.pdf> [consulta em: 29 de Junho 2018].
- GIRARDI, Giulio, SDB (1973), *Amor Cristão e Violência Revolucionária*, trad. Anselmo Borges, Porto: Livraria Telos Editora.
- GIRARDI, Giulio, SDB (1978), *Cristianismo, Libertação Humana e Luta de Classes*, trad. Fernando Reis, Loures: Edições Paulistas.
- GORRINGE, Timothy J. (1994), *Capital and the Kingdom: Theological Ethics and Economic Order*, Maryknoll, NY: Orbis Books.
- GUTIERREZ, Gustavo, OP (1972), *Teologia de la liberacion: perspectivas*, Salamanca: Ediciones Sigueme.
- MARX, Karl (1991), *Miséria da Filosofia*, trad. Zeferino Coelho, José Barata-Moura, e Fernando Silvestre, Lisboa: Edições "Avante!"
- MARX, Karl (2016), *O Capital*, livro 3, tomo VII, trad. José Barata-Moura, Lisboa: Edições "Avante!"
- MCCABE, Herbert, OP (1987), *God Matters*, Springfield, IL: Templegate Publishers.
- TURNER, Denys (1983), *Marxism and Christianity*, Totowa, NJ: Barnes and Noble Books.